

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



NAS TRILHAS DO DISCURSO COM ARACY ERNST: O FUNCIONAMENTO DE TRÊS CONCEITOS-CHAVE*

Professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestra e Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e PhD pela Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, autora de artigos e organizadora de livros, **Aracy Graça Ernst** tem experiência em estudos sobre discurso proverbial, discurso de contos de fadas, discurso sobre corpo e subjetividade e a relação entre ideologia e inconsciente. Dentre os projetos de pesquisa desenvolvidos, destacamos o projeto “Produção da leitura em diferentes materialidades discursivas”, que busca compreender o funcionamento da língua materializada sob formas diversas, tais como a palavra, a imagem e o gesto, entendendo o discurso como uma produção de sujeitos atravessados pela história via inconsciente.

* **Sobre a entrevistada:** a Professora Doutora Aracy Ernst, é membro e coordenadora do Laboratório de Estudos em Análise do Discurso (LEAD), da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), fundado em 2012, após o interesse de alunos em problematizar e aprofundar questões relacionadas à ideologia e ao inconsciente, conceitos que se entrelaçam com a língua constituindo o discurso, na perspectiva de Michel Pêcheux. Congregando pesquisadores de diferentes instituições, o LEAD tem como projeto integrador a produção da leitura em diferentes materialidades.

Sobre as entrevistadoras: Luciane Botelho Martins é doutoranda do PPGL da UCPel, membro do LEAD/UCPel e atua como professora de anos iniciais na rede pública de Rio Grande/RS e como professora substituta na UFPel. E-mail: lucianebmk@hotmail.com. Ana Paula Vieira de Andrade Assumpção é doutoranda do PPGL da UCPel, membro do LEAD/UCPel e atua como professora de Ensino Médio na rede pública estadual em Rio Grande/RS. E-mail: professora_anapaula@yahoo.com.br.

Além disso, Ernst, ao considerar, sob o prisma da Análise de Discurso pècheuxtiana, a língua como materialidade discursiva incompleta e sujeita ao equívoco, oferece-nos o brilhante texto **A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo** (2009), que articula três conceitos-chave referidos como dispositivos que visam a contribuir na formulação dos processos analíticos do *corpus* discursivo.

Ana Paula & Luciane: Embora a perspectiva teórica desenvolvida em sua dissertação fosse formalista, sua pesquisa já apontava para uma inquietação em relação às “condições linguísticas e extralinguísticas” (1980) como variáveis que interferem no processo de leitura. Seria esse um indício de que mais tarde você se identificaria com uma teoria materialista do discurso?

Aracy Ernst: Provavelmente sim ... o que posso assegurar é que, desde aquela época, o social, para mim, convivia de alguma forma com o linguístico. O trabalho que desenvolvi no final da década de setenta e início da década de oitenta, minha dissertação de mestrado, partia de uma preocupação com a alfabetização das classes sociais menos favorecidas sócio-economicamente. Sua motivação e desenvolvimento deram-se a partir de um elemento exterior, fora do âmbito linguístico, o que talvez já prenunciasse minha adesão posterior à Análise de Discurso de filiação pècheuxtiana. Acreditava, como ainda acredito... as pesquisas nos mostram isto há anos... que os índices de evasão e repetência escolar encontram-se intrinsecamente ligados à condição sócio-econômica dos alunos. Porém, na ingenuidade de pesquisadora iniciante, achava que se o processo de aprendizagem se baseasse no vocabulário próprio dessas classes sociais, ou seja, controlando as palavras sobre as quais incidiria o processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, os sentidos, e a metodologia empregada partisse do mais simples para chegar ao mais complexo em termos da relação fonológico grafêmica, o problema estaria resolvido, ou seja, a perspectiva assumida era sociolinguística de base estruturalista, não que tais aspectos não sejam necessários, mas não são suficientes. Deparei-me com variáveis difíceis de controlar, como, por exemplo, o envolvimento com o trabalho pedagógico pelo professor, que independia de técnicas ou modelos “linguísticos” de aprendizagem, os problemas derivados da situação familiar dos alunos, entre outros. Naquela época, preocupava-me o fato de que os mesmos procedimentos metodológicos, baseados em pressupostos comuns aos grupos experimentais da pesquisa, tivessem dado certo em algumas turmas e noutras não, também o fato de que em certos aspectos avaliativos algumas turmas do grupo de controle tivessem obtido até melhores resultados do que as experimentais, enfim, dei-me conta, às duras penas, da impossibilidade do domínio total dos aspectos envolvidos numa pesquisa que trata da linguagem, mesmo tendo... imaginariamente... controlado “variáveis” (sexo, idade, resultados de testes psicológicos, situação econômica dos alunos e geográfica das escolas, etc.). E eu tinha de legitimar meus resultados e matematizá-los em gráficos e tabelas. Meu receio, na época, era que os resultados não validassem a hipótese inicial, pois alguns dados não correspondiam ao esperado. Porém, o tratamento estatístico deu conta, e eu consegui “provar” o que pretendia. Mais tarde, a Análise de Discurso me daria uma visão mais clara e crítica dessa situação, fazendo-me compreender que a exterioridade de que tratava não era constitutiva dos sujeitos nem da linguagem e que a questão social, importante para mim, encontrava-se apartada do linguístico. Mesmo sendo o léxico, utilizado no processo, da realidade da criança, a questão do sentido não estava posta. Partia do pressuposto de que a palavra era transparente e que se relacionava diretamente com a realidade social do aprendiz. Pensando hoje sobre minhas preocupações do passado e minha inconformidade com determinados resultados, percebo que isso se devia a minha inscrição no *modus operandi* da ciência linguística positivista-empirista. Teria eu esperado da ciência linguística a salvação de um problema social que ela não teria condições de solucionar? Tremeram as minhas certezas e deparei-me com o imponderável, com o impossível de controle, com a ilusão da possibilidade de apreensão da totalidade e com o fato de o linguístico não ser suficiente para resolver uma questão social (ingenuidade minha ter pensado que isso poderia acontecer!). Deparei-me com um real que escapava à ordem do calculável que a visão formalista, até então, não me deixara ver. Isso fui entender, quando ingressei na AD. Acredito que a reflexão sobre seus pressupostos acerca da subjetividade, da linguagem e da ideologia responderam as minhas inquietações, mas... também criaram outras.

Ana Paula & Luciane: Ao acompanhar sua trajetória acadêmica, observamos que o eixo norteador de suas pesquisas sempre foi a leitura. Como foi dito antes, na dissertação você utilizou como suporte teórico metodológico uma abordagem estruturalista e na tese uma abordagem materialista do discurso. Gostaríamos que você nos contasse como se deu a passagem de uma teoria para outra, uma vez que o estruturalismo exclui o sujeito e trata a língua, como estrutura formal,

padronizada, enquanto a Análise de Discurso se constitui como um campo tenso marcado pela contradição. E por que sua escolha pela Análise de Discurso de filiação pècheuxtiana?

Aracy Ernst: Não foi escolha! Os saberes dessa disciplina me capturaram de tal forma que hoje não concebo mais os estudos sobre língua e linguagem sem referência ao sujeito, ao sentido e à ideologia. Mas a mudança não foi feita sem luta interna. Imaginem! Uma formalista que trabalhava exclusivamente com o linguístico, tomada pelo “amor da língua”, renegar seus pressupostos e “partir pra outra!” Isso não se dá sem conflito. Sempre conto aos meus alunos que a minha relação com a AD inicialmente foi de rejeição, principalmente porque a noção de interpelação ideológica deslocava-me do narcisismo em que me encontrava para um não lugar, ou melhor, para o lugar do Outro. A questão ontológica que me infligia era “afinal, quem sou eu se apenas reproduzo o que outros já disseram?” Obviamente, não dei a devida importância ao anexo “Só há causa daquilo que falha” da obra “Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio” de Pêcheux, tendo em vista que, nos idos 1990, a maioria dos estudos nessa área tinham como escopo mostrar a submissão do sujeito à ordem da ideologia. Gradativamente, os pressupostos da teoria foram se impondo e da inicial rejeição passei à aceitação; entretanto, a questão ontológica continuava a me perseguir. E isso não foi ruim; ao contrário, me conduziu ao conceito de “desejo”, via psicanálise, e à elaboração do conceito de humor, na perspectiva discursiva, a partir do conceito de polissemia de Orlandi. Situei-me assim numa direção inversa a de outros trabalhos na área que priorizavam a submissão do sujeito à ordem estabelecida, com ênfase, portanto, na interpelação ideológica. Ouso dizer que a minha tese de doutorado pode ser considerada um dos trabalhos pioneiros por tentar articular alguns princípios psicanalíticos com princípios materialistas, esses últimos, como todos sabem, constituindo-se na base teórica prima e fundamental para os estudos dos processos discursivos. Basicamente, o estudo mostrou como se dá, na materialidade discursiva, o jogo entre censura e desejo em enunciados proverbiais e em suas alterações. Retomando à pergunta que me foi colocada, gostaria de dizer que a ruptura que se operou entre o formalismo e o materialismo expressa-se na mudança da concepção de leitura. Nos meus estudos iniciais, na época da pesquisa do mestrado, referia-me estritamente à apreensão do significado através da palavra, embora a sintaxe tivesse o seu lugar, pois engendraram-se artificialmente frases consideradas mais simples do ponto de vista formal, nas quais eram inseridos os itens lexicais mais frequentes – esqueci-me de mencionar esse fato anteriormente – numa acepção de leitura que se reduzia ao conhecimento dos elementos lexicais, de sua estrutura fonológica e da simplicidade sintática. Nessa pesquisa, o caminho didático era: apresentação de uma frase sintaticamente simples em que estivesse presente um determinado item lexical com frequência significativa no *corpus* empírico e trabalho com os elementos da estrutura fonológica (sílabas e fonemas). Ou seja, a leitura constituía-se num processo mecânico de decifração das unidades linguísticas. Posteriormente, através de minha filiação à AD, a questão da leitura tomou novo rumo, pois, nessa abordagem, tem lugar o sujeito, o sentido e a história, exatamente o que o formalismo denega. Trata-se obviamente do que o corte saussureano, na constituição da ciência linguística, abdicou. A leitura ou interpretação pressupõe obviamente o linguístico, mas o ultrapassa na medida em que o interesse centraliza-se nos sentidos, sentidos criados historicamente, sentidos definidos pelas condições de produção, sentidos ligados à memória discursiva, sejam eles legitimados ou não. Gosto muito de definir o processo discursivo de leitura como trabalho com os sentidos: primeiramente, porque o termo relaciona-se diretamente ao materialismo histórico, que o considera fundamentalmente fato social – ele é entendido como aquilo que constitui a essência humana –; depois, porque envolve ação do sujeito. O sujeito não se encontra, portanto, inerte diante do texto, ele realiza gestos de leitura, produz sentidos, mesmo os indesejáveis, porque ele tem uma história e uma memória que atuam nesse processo, permitindo-lhe uma interpretação singular e uma tomada de posição. Isso lhe é possível devido ao princípio da contradição que rege toda e qualquer formação discursiva. Sendo assim, pensar a leitura como tomada de posição pelo sujeito implica necessariamente considerar que a formação discursiva não é homogênea, que ela traz em si sentidos que se confrontam e que demandam, por parte do sujeito, a assunção de uma posição.

Ana Paula & Luciane: Em 2005, ao publicar o texto *Corpo, Discurso e Subjetividade*, você foi uma das primeiras (se não a pioneira) a tomar o corpo como objeto de análise. O que fez você pensar o corpo como materialidade discursiva?

Aracy Ernst: O texto a que vocês se referem diz respeito ao projeto de pesquisa “Corpos discursivos no espaço escolar”, cujo objetivo era descrever e interpretar diferentes práticas discursivas no espaço escolar. Acho realmente que fui se não a primeira, pelo menos uma das primeiras, a trazer a questão do corpo e também de gênero para o âmbito da Análise de Discurso, o que não considero mérito algum. Isso se deve, não poderia deixar de dizer, aos diálogos que tive com minha amiga e colega do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, Susana Funck, especialista na área de gênero. Esse contato foi vital para despertar o interesse por questões discursivas relativas ao corpo e à sexualidade. Através desses diálogos, pudemos perceber possíveis articulações entre a Análise de Discurso e os Estudos de Gênero, o que me ensinou desenvolver trabalhos sobre tais relações. Nesse momento inicial

da reflexão, eu observava o discurso sobre o corpo e não o corpo como discurso. Não houve uma razão ou fato específico a que pudesse atribuir a mudança de perspectiva. Acredito que as leituras feitas na área dos Estudos de Gênero e da Psicanálise, as relações possíveis entre esses estudos e a Análise de Discurso, as observações mais apuradas e atentas dos corpos, possibilitaram-me esse olhar. Ver o corpo enquanto materialidade significativa foi, portanto, algo subsequente que começou a ser pensado a partir da minha participação – acho que no VI SEAD, em 2013 –, como coordenadora, junto com Maria do Rosário Gregolin, do Simpósio sobre corpo e discurso em que apresentei muito resumidamente a primeira versão do texto “Corpo, imagem e sentido: uma leitura dos processos discursivos e descontinuidades nas redes sociais” – a ser publicado, acredito ainda neste ano, em parceria com Janaína Brum. Esse foi o início da reflexão sobre o estatuto simbólico do corpo, sobre sua materialidade significativa e histórica, aí considerada também a inter-relação entre memória e linguagem. O mote da reflexão foi o quadro de Eugène Delacroix, “La liberté guidant le peuple” e o cartaz de Elsa Riemer da 2ª Marcha das Vadias, realizado em Maringá, no Paraná. Foi um trabalho que me deu muita satisfação, porque expôs concretamente que, assim como qualquer linguagem, o corpo também é equívoco, heterogêneo e lacunar, devido a sua natureza simbólica e imaginária.

Ana Paula & Luciane: O estudo de outras materialidades (entre elas, o corpo) possibilitou a aproximação das questões de gênero ao campo do discurso. Sabendo que o berço da Análise de Discurso foi de um contexto político-social marcado como lugar de resistência, como você vê a relação gênero-discurso?

Aracy Ernst: Bem, a relação gênero-discurso, sob o meu ponto de vista, é bastante próxima porque ambas as áreas do conhecimento têm preocupações análogas referentes à compreensão da realidade social em suas continuidades e descontinuidades históricas e possuem, além de uma perspectiva teórica, uma política. Primeiramente, destaco o fato de as duas disciplinas, Estudos de Gênero e Análise de Discurso, produzirem uma crítica crucial à produção do conhecimento científico dominante, propondo novas alternativas, dentre elas, a consideração à subjetividade. Nasceram as duas, no cerne de um engajamento político: a primeira, da militância do movimento feminista, a segunda, da adesão de Pêcheux, seu fundador, às ideias de Althusser, fato que definiu sua construção teórico-política com base no marxismo e gerou uma crítica severa às duas formas de exploração das ciências pelo idealismo, o realismo metafísico e o empirismo lógico. Podemos chamá-las de áreas de resistência, tendo ambas origem no posicionamento político de esquerda. Os estudos em Análise de Discurso surgiram no contexto político conturbado do final dos anos sessenta em que a esquerda encontrava-se em crise devido à dissipação do sonho da internacional comunista. Isso, de alguma forma, impulsiona os questionamentos de base da Análise de Discurso, formulada por Michel Pêcheux, na configuração dessa disciplina. Gadet (1997) a caracteriza como uma crítica ideológica apoiada numa arma científica. Trata-se de uma proposta de intervenção política e teórica porque, assumindo os postulados do materialismo histórico, opõe-se à política positivista e se contrapõe ao formalismo linguístico, inserindo nos estudos linguísticos a exterioridade, ou seja, sujeito, sentido e história, elementos que haviam sido denegados anteriormente. Já os estudos de gênero surgiram especificamente como recusa à hegemonia masculina que produziu a exclusão do feminino, portanto, de um outro também negado e recalcado historicamente. Esses estudos têm como preocupação a questão do poder das instituições e das práticas discursivas e seus efeitos em sociedade num trabalho político que provoca a desnaturalização dos pressupostos androcêntricos. Inclusive, tem-se, nesses estudos, incursões especificamente materialistas que colocam fundamentalmente o capitalismo e o patriarcado como criadores e gestores do sistema de opressão da mulher, insistindo na necessidade do conhecimento das condições materiais de um dado momento histórico para a compreensão da produção social de gênero, aí implicados fatores políticos e econômicos. Tomam criticamente a definição de ideologia de Althusser, uma vez que o gênero não é contemplado por ele, mas assumem o caráter imaginário da relação dos indivíduos – homens e mulheres – com suas condições de produção reais de existência. Nessa perspectiva, as categorias de feminilidade e masculinidade são vistas como construções históricas. Tal assunção teórica dentro dos Estudos de Gênero obviamente facilita o diálogo com a Análise de Discurso em vista dos pressupostos marxistas, dos princípios gerais comuns, como a crítica aos paradigmas tradicionais sobre o conhecimento e a realidade, baseados na bipolarização lógica que necessariamente provoca uma simplificação desastrosa dos fenômenos sociais, a tomada de posição contra a hegemonia, os trabalhos acadêmicos que problematizam as relações sociais e produzem análises considerando o sujeito, entre tantos outros fatores.

Ana Paula & Luciane: Ao longo das últimas décadas, a AD vem ganhando espaço no Brasil com trabalhos realizados por pesquisadores vinculados às instituições de diversos pontos do país, diferentemente do que ocorreu na França, onde a AD continua atraindo adeptos, mas por um viés que lhe imprime uma outra face, com o linguístico se sobrepondo à

exterioridade. Pensando como contexto situacional o Brasil atual, marcado por conflitos ideológicos acirrados que levam a contradições e equívocos, o que sobra e o que falta na teoria do discurso hoje? Como você vê a AD desenvolvida hoje no Brasil?

Aracy Ernst: Acho que o primeiro ponto a destacar é que toda e qualquer ciência sofre, ao longo do tempo, “correções de rota”, alinhamentos, retificações. Às vezes, de forma mais radical, outras de forma menos radical. Não há área do conhecimento que tenha resposta para tudo. Não há a possibilidade de apreensão da totalidade do objeto do conhecimento nem onipotência de qualquer ciência. O próprio Pêcheux, em sua trajetória teórica, reparou, sem receio, aspectos importantes de seu dispositivo teórico. Cito, como exemplo, o anexo “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: Início de uma retificação”, presente na obra “Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio”, em que ele faz um retorno crítico à questão do sujeito. Até então, o sujeito era muito bem assujeitado à ideologia dominante, não havendo lugar para a falha, para o desejo. O enunciado que aí se encontra, *a ideologia não é um ritual sem falhas*, representa uma mudança teórica no campo da AD com consequências cruciais para a compreensão do sentido e do sujeito. O que interessa não é mais (ou, pelo menos, não só) o que interpela inexoravelmente o sujeito, mas aquilo que obstaculiza a sua submissão, aquilo que, de alguma forma, resiste à ideologia dominante. Portanto, há pontos em que o ritual vacila, como por exemplo no caso dos lapsos. Também em *Remontémonos*, temos um texto de retificação em que o autor faz intervir novamente a possibilidade da resistência a partir do postulado marxista de contradição. Enfim, são exemplos de “correção de rota” de que falei anteriormente. No entanto, penso que, no momento, não necessitamos de correção de rota das questões teóricas que fundamentam essa área do conhecimento, mas sim de aprofundamento de questões que o próprio Pêcheux levantou, dentre elas, aquelas relacionadas à Psicanálise, mais especificamente à relação entre as noções de inconsciente e ideologia, objetivo primordial do Laboratório de Estudos da Análise de Discurso – LEAD – do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. É uma das tentativas, dentre tantas outras, de um grupo de trabalho que procura compreender melhor questões ligadas à subjetividade, considerando os pressupostos da AD e da Psicanálise. Muitos outros grupos de estudo em todo o Brasil, filiados à AD, aprofundam questões teóricas e metodológicas, desenvolvem suas pesquisas, participam de congressos como o SEAD e o SEDISC, enfim, mostram o envolvimento e a pujança dessa área do conhecimento. Isso é extremamente benéfico! Ainda mais face à atual conjuntura político-econômica de nosso país! Os danos causados pelo governo recente à nação brasileira, tendo gerado um acúmulo de crises – econômica, política, ética, moral, etc. – e a exacerbção dos conflitos ideológicos na sociedade, via de regra, materializados em discursos marcadamente dualísticos e violentos, suscitam desafios interpretativos que, julgo, a Análise de Discurso pode ajudar a compreender através de seus mecanismos teóricos e metodológicos. Na verdade, os estudiosos têm aí “um prato cheio” para suas pesquisas!

Ana Paula & Luciane: Além de suas contribuições nos estudos sobre corpo e gênero, você também desenvolve a questão do funcionamento do inconsciente, tanto em seus trabalhos quanto no grupo de estudos do LEAD, o qual você coordena. Ao pensarmos sobre o sujeito contemporâneo que, como trata Žižek (2006), precisa obter a máxima satisfação possível, isto é, um sujeito que tem a permissão de gozar, quais seriam as contribuições de seus trabalhos e do LEAD no que concerne às especificidades de um sujeito que, ao ser constituído pela linguagem, é duplamente afetado pela ideologia (assujeitado) e pelo inconsciente (do desejo)?

Aracy Ernst: Realmente, temos lido muito e refletido sobre os postulados da psicanálise lacaniana e suas possíveis relações com a Análise de Discurso, e Žižek tem sido um dos autores mais discutidos pelas articulações que faz entre materialismo histórico e psicanálise. O interesse por ele deu-se a partir de seus dois textos na obra “Um mapa da ideologia”: “Como Marx inventou o sintoma?” e “O espectro da ideologia”; além desses: “Como ler Lacan”, “Arriscar o impossível”, “O sublime objeto da ideologia”, “O deserto do real”... Mas lemos também textos de Bethania Mariani, de Lauro Baldini e outros. Acho que as contribuições dadas aparecem nas dissertações, teses de doutorado, trabalhos de pós-doutorado, artigos, enfim, nas produções do LEAD. Elas dizem respeito basicamente à questão do sujeito na contemporaneidade. Há alguns conceitos trabalhados por Žižek, trazidos da filosofia de Hegel e de Marx e da psicanálise lacaniana que interessam à Análise de Discurso, principalmente os pertinentes ao sujeito vazio e objeto dividido (relacionado ao conceito de *objeto pequeno a* em Lacan), ao real, ao antagonismo (relacionado ao conceito de contradição em Hegel), à transgressão inerente, à ideologia, entre outros. Entretanto, o conceito de gozo teve, para nós, um interesse particular pelas articulações relativas aos fenômenos políticos e sociais marcados pela violência seja no nazismo, no fascismo, no racismo, etc., o que tem nos servido de reflexão em vários trabalhos. É bom saber que o conceito de gozo, em termos

psicanalíticos, não é sinônimo de prazer. De acordo com Žižek, ele é desestabilizador, traumático, excessivo e atua em diversos níveis da política. Para ele, toda política está na dependência de algum nível de economia do gozo, o que ele bem explica na obra “Arriscar o impossível”. Essas questões nos interessam porque vemos conceitos psicanalíticos serem utilizados para explicar fatos sociais e políticos, mas também porque é uma forma de assumirmos a nossa responsabilidade ética e também política em face da *violência do capitalismo liberal e de sua naturalização/anonimização obscena que subjuga milhões de pessoas*, faço aqui minhas as palavras de Žižek.

Ana Paula & Luciane: No IV SEAD (Seminário Nacional de Análise do Discurso), realizado em 2009, você apresentou o texto *A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo*. A partir dos desdobramentos e aplicações desses conceitos, você acha que estão surgindo nuances até então não pensadas? Estariam os conceitos (falta, excesso e estranhamento) ganhando um *status* diferente do que você contemplou? Em outras palavras, como você avalia os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos com base nos seus conceitos?

Aracy Ernst: Bem, os que conheço têm me dado muita satisfação! É bom saber que esses princípios estão sendo úteis! Vejo alguns desdobramentos que ampliam aspectos que eu mesma gostaria de tê-los realizado, seja através de reflexão teórica, articulando-os com pressupostos da psicanálise, seja através de estudo de outras materialidades, como a imagética. Quevedo (2012) fez isso com muita propriedade em sua dissertação de mestrado. Mas não só ele. Há vários outros nomes que poderia citar que contribuíram não só para a aplicação desses conceitos teórico-analíticos como também para o seu desenvolvimento, tais como, Vinhas, Martins, Brum, Assumpção, Braga, Gonçalves, entre tantos outros. Não acho que lhes tenham sido dado um estatuto diferente daquele de origem, mas souberam, com propriedade, adequação e criatividade, fazer uso deles.

Ana Paula & Luciane: Ao tematizar os conceitos de falta, excesso e estranhamento, você conclui que estes podem “constituir pontos de encontro da linguística com a ideologia e o sujeito” (p. 5). A partir dos três conceitos, fale-nos um pouco mais sobre esses pontos de encontro entre linguística, ideologia e sujeito.

Aracy Ernst: Esses três conceitos mantêm-se fiéis à epistemologia original da Análise de Discurso que congrega, como todos sabemos, materialismo histórico, linguística, teoria do discurso e o atravessamento dessas áreas pela psicanálise. Parece-me que as explicações dadas e os exemplos apresentados no artigo são suficientes para relacionar a materialidade linguística com a memória do dizer. Fazendo, no entanto, uma autocrítica, acho que andaram bem no que diz respeito à relação entre linguística e ideologia, mas foi lacunar no que diz respeito ao sujeito e à psicanálise. Na realidade, esses conceitos não estão contemplados. As noções de falta e excesso de sentidos deveriam ter sido consideradas em relação ao sujeito desejante, e isso não foi feito. Vemos, nas definições apresentadas desses conceitos, uma articulação, acredito que bem feita, entre o nível da formulação e o nível do enunciado, mas o sujeito praticamente encontra-se ausente, e a pressuposição que percorre a reflexão é a de um sujeito assujeitado. Trazer o sujeito desejante para o âmbito desse estudo é o próximo desafio para mim.

Ana Paula & Luciane: Ao longo de sua trajetória acadêmica, você desenvolveu estudos e apontou contribuições importantes sobre o discurso proverbial, o corpo e a subjetividade, além da relação ideologia - inconsciente. Futuramente, você pretende retomar algum desses estudos ou investir em um tema novo?

Aracy Ernst: Todos os trabalhos que realizei até este momento procuraram atender a uma demanda pessoal derivada de minha inconformidade com determinados padrões vigentes numa sociedade que, de uma forma ou outra, aprisionam e violentam o sujeito. Algo que eu apenas intuitivamente sentia tomou corpo através dos estudos da Análise de Discurso e dos textos que, a partir daí, li e produzi. Para mim, fazer Análise de Discurso é fazer ética e política, reconhecendo a responsabilidade de mostrar a interpelação sofrida pelo sujeito e a naturalização obscena de determinados princípios, cujo regime de (in)visibilidades deve ser exposto, mas também de evidenciar a resistência do sujeito, que insiste, apesar do poder das forças coercitivas, em se rebelar; isso de forma a demonstrar a ligação inextrincável entre linguagem e ideologia. Esse foi o fio que costurou as minhas reflexões passadas e que deverá permanecer nas do presente. Atualmente, continuo interessada em temas que envolvam corpo e discurso e também humor político, aí implicada a relação ideologia e inconsciente. São temas instigantes, cuja intermitência nos meus estudos representam uma pulsação sempre presente que me faz revisitar o que fiz no passado com vistas ao fazer do futuro.

REFERÊNCIAS

GADET, Françoise. Prefácio. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 7-10

ŽIŽEK, Slavoj. *Arriscar o impossível: conversas com Žižek*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido em 01/04/2017. Aceito em 01/04/2017.